

**MARIA BETÂNIA DA COSTA ATAÍDE**

**“NÃO FOI FEITA PARA MARCAR GRANDES PASSOS, MAS PEQUENOS QUE A  
LEVARAM A GRANDES TRIUNFOS”: O PROTAGONISMO DA MULHER NEGRA  
EM “UM DEFEITO DE COR”, DE ANA MARIA GONÇALVES**

**Orientadora: Prof Ms. Anne Micheline Souza Gama**

**Campina Grande**

**Dezembro/2018**

# **“NÃO FOI FEITA PARA MARCAR GRANDES PASSOS, MAS PEQUENOS QUE A LEVARAM A GRANDES TRIUNFOS”: O PROTAGONISMO DA MULHER NEGRA EM “UM DEFEITO DE COR”, DE ANA MARIA GONÇALVES**

## **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo principal apresentar uma análise descritiva e crítica-reflexiva, com base na Lei 10.639/03, acerca do protagonismo da mulher negra na obra “Um defeito de cor”, de Ana Maria Gonçalves (2017), e, investigar a contribuição da Literatura Afro-Brasileira para a formação de leitores, que dá visibilidade a esse grupo étnico alvo de tamanho preconceito e que são sempre apresentados como personagens secundários em nossa literatura brasileira. Como referencial teórico, utilizamos os estudos relacionados à Lei 10.639/2003, os estudos acerca da Literatura Afro-brasileira: Duarte (2008), do gênero literário Romance Histórico: Machado (1990), Bakhtin (1987) Lukács (2011), Pessanha (2013), e D’Onofrio, (1995). Assim, esperamos contribuir e estimular a leitura como prática social de combate ao racismo.

**PALAVRAS-CHAVE: Lei 10.639/03. Literatura Afro-brasileira. Protagonismo Negro.**

## **ABSTRACT**

The main objective of this article is to present a descriptive, critical-reflexive analysis, based on Law 10.639 / 03, on the protagonism of the black woman in the work "A defect of color", by Ana Maria Gonçalves (2017), and investigate the contribution of Afro-Brazilian Literature for the formation of readers, that give visibility to this ethnic group target of such bias and that are always presented as secondary characters in our Brazilian literature. As a theoretical reference, we used the studies related to Law 10.639 / 2003, the studies about Afro-Brazilian Literature: Duarte (2008), of the literary genre Romance História: Machado (1990), Bakhtin (1987) Lukács (2011), Pessanha 2013), and D’Onofrio, (1995). Regarding the methodological approach, a bibliographic review was done. Thus contributing and stimulating reading as a social practice to combat racism.**KEY WORDS: Law 10.639 / 03. Afro-Brazilian**

## Literature. Black Protagonism.

### INTRODUÇÃO

Muito se tem discutido, recentemente, acerca do ensino de Literatura de origem Afro-Brasileira e Literatura Africana de Língua Portuguesa no ambiente acadêmico brasileiro. O emergir desses debates vem surgindo a partir do advento da Lei nº 10.639/03, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96) para inclusão no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", passando a LDB a vigorar acrescida dos artigos 26-A e 79-B,<sup>1</sup> reiterando o ensino que leva em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, e, tendo as disciplinas de História e Literatura como carro chefe dessa discussão.

Nesse sentido, norteados pela legislação educacional que valoriza o ensino inclusivo das culturas africana e afro-brasileira, pensamos a literatura como instrumento didático. Atentamos para importância do entendimento, por parte do aluno, da literatura como fenômeno cultural, histórico e social, instrumento político capaz de revelar as contradições, tensões e conflitos existentes na realidade. Desse modo, a literatura deve ser abordada na sala de aula partindo da ideia de que o aluno tenha possibilidade de desenvolver a criatividade e a imaginação na interação com textos, no momento em que estes retratem parte de sua realidade.

---

<sup>1</sup> A Lei nº 10.639/03 altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" nos artigos 26A e 79B: "Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. § 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. § 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. § 3º (VETADO)"; e "Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'." (Disponível em < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm)> Acesso em: 07 de novembro de 2018).

Dentre as diversas reivindicações feitas pela sociedade, ao longo das três últimas décadas, percebemos que essas se concentram na luta por direitos iguais de cidadania no âmbito dos grupos minoritários, como, por exemplo, dos negros, dos povos nativos, dos homoafetivos, e das mulheres, amiúde marginalizados na sociedade. Pensando nisso, o presente artigo tem como objetivo principal apresentar uma análise descritiva, e, crítica-reflexiva, com base na Lei 10.639/03, acerca de descobrir como é representado ou qual a forma do protagonismo da mulher negra na obra “Um defeito de cor”, de Ana Maria Gonçalves, e, investigar a contribuição da Literatura Afro-Brasileira para a formação de leitores, que dá visibilidade a esse grupo étnico alvo de tamanho preconceito e depreciamento no nosso país.

Tomaremos como base teórica os estudos relacionados à Lei 10.639/2003, os estudos acerca da Literatura Afro-brasileira: Duarte (2008), Candido (1970), Gilberto Freyre (2000); do gênero literário Romance Histórico: Machado (1990), Bakhtin (1987) Lukács (2011), PESSANHA, (2013), e D’Onofrio, (1995).

### **Quem é Ana Maria Gonçalves?**

Nasceu em 1970 na cidade de Ibiá, em Minas Gerais. Ana Maria Gonçalves viveu em São Paulo por treze anos até se cansar do ritmo intenso da cidade e da profissão, a qual era Publicitária. Em viagem à Bahia, encantou-se com a Ilha de Itaparica, onde fixou moradia por cinco anos, assim, reconhecendo seu talento como ficcionista, a qual passou a se dedicar integralmente à literatura e ao multifacetado universo cultural da diáspora africana nas Américas. Após iniciar sua jornada como romancista desde 2002, em 2006, a autora tornou-se conhecida em todo o país com o lançamento de *Um defeito de cor*, narrativa monumental de 952 páginas. Logo adiante, passou alguns anos em New Orleans, nos Estados Unidos, e em seguida retornou ao Brasil em 2014, fixando-se novamente em Salvador. Mesmo fora do país, esteve sempre presente e atuante nos debates públicos envolvendo a questão étnica no Brasil

### **Apontamentos acerca da Literatura Afro-Brasileira**

A herança cultural afro-brasileira, a miscigenação e a produção de uma identidade nacional são matérias de análise estudadas por intelectuais como Gilberto Freyre (2000) (que, em primeiro caminho era de se discutir a miscigenação, todavia, ainda colocando os indígenas e negros em segundo plano) também investigou o papel exercido pela miscigenação nesse processo de invenção de uma “brasilidade”. Nessa perspectiva, entende-se por “brasilidade” a nacionalidade gestada a partir de características próprias, visto que até as primeiras décadas do século XX no Brasil, predominava a herança da apropriação cultural colonial dos valores da metrópole portuguesa.

Todavia, percebemos que ao longo da construção da história do Brasil os nossos “heróis” eram os portugueses, assim, os padrões de artes, música, pintura, literatura e estética que vigoravam no Brasil eram importados do velho mundo. É nesse contexto que surge a Semana da Arte Moderna em 1922 no Brasil. E que figurou como marco inicial da emergência das produções artísticas e científicas focadas na invenção de uma identidade brasileira a exemplo da “antropofagia cultural” que consistia em engolir cultura europeia e vomitar a cultura nacional. Obras como o satírico *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade, exemplificam a busca por essa brasilidade. Todavia, os indígenas e negros são construídos estereotipados e como anti-heróis.

Considerando-se que desde a origem da Lei nº 10.639/2003, como já foi citado anteriormente, ficou instituído que nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira, o qual será ministrado em aulas de História e Literatura, nosso presente estudo propõe, também, relacionar o conhecimento em ambas às disciplinas. Assim, os docentes estarão preparados para mediar, estimular e incentivar os alunos a lerem Literatura Afro-Brasileira, uma vez que eles irão compreender como se deu esta constituição da história da África e a formação da nação brasileira, e, a existência de tal literatura, ampliando sua capacidade crítica historiográfica, literária e social. Ao trabalhar com os gêneros literários focamos em

uma ferramenta de suma importância para o desenvolvimento e aprendizagem do aluno, ou seja, a leitura. Além disso, a Literatura Afro-Brasileira é abordada, através do gênero literário, romance, podendo ser considerada, também, qualquer obra com personagens negros ou mestiços que se identificam como um ser negro.

De acordo com Duarte (2008), o conceito de “literatura afro-brasileira” está em construção. Sendo uma literatura que aborda temáticas de lutas, resistências e reivindicação, a exemplo do romance histórico “Um defeito de cor”, de Ana Maria Gonçalves (2007), nosso objeto de estudo. Nessa perspectiva, Duarte afirma

Uma literatura empenhada, sim, [...] de edificar, no âmbito da cultura letrada produzida pelos afro-descendentes, uma escritura que seja não apenas a sua expressão enquanto sujeito de cultura e de arte, mas que aponte o etnocentrismo que os exclui do mundo das letras e da própria civilização. Daí seu caráter muitas vezes marginal, porque fundada na defesa que questiona e abala a trajetória progressiva e linear da história canônica. (Duarte 2008, p. 22)

Diante do exposto, a Literatura Afro-Brasileira precisa ser estudada e apresentada, tanto aos professores quanto aos leitores de maneira geral. Principalmente porque a produção literária afro-brasileira possibilita aos seus leitores a reflexão sobre as relações étnico-raciais na sociedade brasileira, além de propor uma releitura da história do nosso país. O ensino da Literatura Afro-Brasileira é um dos meios de abordagem da diversidade de expressões culturais de povos que, por décadas, foram subjugados aos imperialismos da visão eurocêntrica. Portanto, a prática docente contribuirá para os debates acerca das tensões sociais que nosso olhar ocidental chama a atenção. Algumas obras de grande repercussão da Literatura Afro-Brasileira são: “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, de Carolina Maria de Jesus (1914-1977), sendo ela reconhecida mundialmente; “Ponciá Vicêncio”, (2003), de Maria da Conceição Evaristo; e, “Um defeito de cor” (2017), de Ana Maria Gonçalves, entre outros.

### **Aspectos gerais acerca do Romance Histórico**

O texto literário está inserido em um contexto histórico, assim caracterizando-se como sendo um romance histórico, muito importante para a formação do povo brasileiro, e, relatado de uma maneira original, na qual os acontecimentos do passado estão imersos no cotidiano e na vida dos personagens. Segundo Machado (1990), servindo-se de Bakhtin (1987), “o romance não é só a síntese das reproduções culturais desenvolvidas ao longo do tempo, e sim, um embrião metodológico para futuras composições”. Embora sofra modificações em decorrência das influências externas, segundo D’Onofrio (1995, p. 56), a narrativa romanesca possui uma estrutura fixa, girando em torno, sobretudo, dos seguintes componentes formais: enunciação, narrador, fábula, personagens, espaço, tempo.

Retomamos o conhecimento acerca do romance histórico, Lukács (2011) afirma que este surgiu em meados do século XIX, com Walter Scott, juntamente com a queda de Napoleão. Já no Brasil, a partir dos anos oitenta originaram-se publicações de romance histórico, em seminários e simpósios. Os principais eventos que merecem destaque pelo temário, pela intensidade e pelo nível de trabalhos apresentados foram os seguintes:

o "Colóquio Narrativa: Ficção e História", realizado no Rio de Janeiro em 1987, organizado por Dirce Cortes Riedel e o "Encontro Internacional sobre Literatura e História na América Latina", em 1991, patrocinado pelo Centro Angel Rama (SP) e organizado por Ligia Chiappini e Flávio Wolf Aguiar( WEINHARDT, 1994, p. 54)

Tal gênero literário não tem o objetivo de apenas relatar os grandes fatos ocorridos no passado, porém dar vida, poeticamente, aos seres humanos que viveram essa experiência. Visto que, a grande relevância são as razões sociais e humanas que o leitor precisa compreender, ou seja, entender a forma de agir, viver e pensar no tempo e espaço antes existentes. Com relação ao que entendemos por “heroísmo”, visto que ao ler um romance clássico nos deparamos com construção do herói da história, no romance histórico existem seres humanos, igualmente capazes de atos heroicos determinados por motivos vis e de ações condenáveis movidas por sentimentos nobres. Assim, justifica-se a importância de levar a Literatura Afro-

Brasileira aos futuros docentes, visto que a Literatura cumpre papel fundamental na construção da personalidade daqueles que a utilizam, sendo capaz inclusive de alterar a visão de mundo daqueles que a desfrutam, conforme Candido (1970).

Haja vista que as personagens exercem um papel muito importante na organização das histórias, pois elas determinam as ações dando-as sentidos. Portanto, D'Onofrio considera que “o romance é constituído por um complexo de valores temporais, em que se implicam o tempo do narrador, o tempo do relato e o tempo do leitor” (D'ONOFRIO, 1995, p.99). Considerando essa relação tempo-espacial com a evolução do gênero romance em si, é oportuno lembrar as várias modificações que o ato de narrar sofreu até chegar à estrutura romanesca conhecida e difundida aos longos dos tempos. Em sua evolução, o romance foi caracterizado simbolicamente, por sua conexão com a realidade social.

Em linhas gerais, o romance constitui-se um exemplo da escrita ficcional e as suas formas são cultivadas pela invenção da literatura e por sua tradição, ou seja, a narrativa é um processo de recapitular acontecimentos do passado, fazendo com que a história permaneça viva na sociedade. Quando pensamos em trabalhar com romances, automaticamente, trabalhamos com personagens, porém, sentimos a

necessidade de visualização do negro na literatura brasileira e do nosso compromisso, enquanto educadores, de dar-lhe visibilidade e de manifestar nosso interesse em valorizar sua presença nas produções literárias não como simples objetos, mas como sujeito de seu discurso e de sua identidade. Do silenciamento, dos sussurros e dos gritos, há histórias que precisam ser desveladas para que se alcance a epopeia da negritude. (PESSANHA, 2013, p. 283)

Nesse sentido, ao fazer uma análise do gênero romance, em virtude do que foi mencionado anteriormente, vemos a importância dos personagens na obra. Portanto, acreditamos ser o gênero literário mais adequado para ser trabalhado em nosso artigo, uma vez que será analisada também a representação do protagonismo da mulher negra na obra escolhida, aqui no caso temos por protagonista uma mulher negra. Observamos a existência de obras da literatura brasileira, principalmente as



de José de Alencar, o caso *O Guarani*, o índio visto como protagonista e herói da história. A recepção dessa obra é aceita naturalmente, mas quando o personagem é negro, há várias críticas. Com relação à mestiçagem, aceitamos o conceito de sermos, descendentes de índios, uma vez que

o romantismo brasileiro, em seus textos, ao trazer o mito indianista, torna possível a idealização de uma origem mestiça para os brasileiros, como um dado constituidor de uma identidade nacional. Duas obras fundamentais *O Guarani* (1857) e *Iracema* (1855) de José de Alencar. As obras mencionadas buscam consagrar o caráter da sociedade brasileira, fruto do encontro entre os portugueses e índios, sem incluir os negros. No entanto, a presença do negro era real, concreta, enquanto escravo, no cotidiano do escritor-colonizador. (PESSANHA, 2013, p.291).

Com base no que foi exposto, é mais aceitável ser mestiço quando se trata de ser descendentes de índios, porém, não é da mesma forma aceita a ideia de que a mestiçagem inclui o negro. Por esta razão, surge o preconceito racial (cor), preconceito contra a religião e a cultura dos negros (africanos), grupo tão importante na formação social brasileira, todavia negligenciado inclusive na Literatura, justificando grande parte das obras literárias brasileira, terem apenas personagens negros em papéis secundários.

Atualmente, com a Literatura Afro-Brasileira, o cenário está mudando, muitos escritores negros, estão produzindo obras literárias com estes protagonistas, um avanço positivo para a nossa nação. Portanto, os profissionais de Letras, tendo conhecimento a respeito desta nova Literatura, poderão compartilhar, com firmeza na Educação Básica, os conteúdos abordando todas as temáticas que trazem o protagonismo negro. Nesse sentido, com a inserção da cultura africana nas aulas, os futuros professores de Letras e Histórias terão um olhar mais apurado sobre a formação social brasileira e respeitar as diferenças entre outros aspectos, constituindo alunos e cidadãos mais crítico-reflexivos.

**Uma visão geral da obra “Um defeito de cor”, de Ana Maria Gonçalves**

Inicialmente, iremos refletir acerca do ensino da História e da Cultura Afro-Brasileira, visto que são muito importantes para um convívio social, o qual se caracteriza pelo mútuo respeito entre todos os brasileiros, pois através deste, nós iremos aprender a valorizar a herança cultural africana e o protagonismo histórico destes povos e de seus descendentes do Brasil. Ao abordar povos africanos e seus descendentes, faremos uma breve apresentação da obra “*Um defeito de cor*”, nosso objeto de estudo.

A construção da narrativa de *Um defeito de cor* é baseada em uma autobiografia ficcional. A obra aborda detalhes sobre aprisionamento e cárcere, e traz as lutas e resistências que passou antes e depois da escravidão, bem como aspectos da vida privada, do cotidiano e da religiosidade. O romance estabelece uma recriação literária de eventos históricos e personagens, tais como: na narrativa da Revolta dos Malês, de personagens como Luiza Mahin e Luiz Gama (seu filho que foi vendido como escravo pelo pai). Autores como João José Reis e Alberto da Costa e Silva também foram consultados pela autora para melhor compreender o contexto histórico do enredo, a Bahia do século XIX, assim como o processo de conexões entre Brasil e África, de ida e volta de escravizados e africanos, surgindo então trocas culturais.

O texto literário está inserido em um contexto histórico, assim caracterizando-se como sendo um *romance histórico*, muito importante para a formação do povo brasileiro, e, relatado de uma maneira original, através da qual os acontecimentos do passado estão imersos no cotidiano e na vida dos personagens, visto que a narrativa remonta à tradição dos africanos que incide no relato permanente do passado e da ancestralidade para que a memória do povo permaneça viva.

Em síntese, temos como enredo a história de lutas e resistências da protagonista negra, Kehinde (nome africano) e Luísa (como foi rebatizada em terras brasileiras). A referida Luísa Mahin é, simplesmente, a mãe de Luís Gama, abolicionista negro, advogado e jornalista brasileiro de postura engajada que viveu no país durante o século XIX. Mahin consiste em uma personagem extremamente

singular. E é compreendida como um ser “parcialmente mitológico” na história do Brasil, tendo ela comprado a sua alforria, viajado meio mundo e ainda figurado nos anais da literatura brasileira como mente articuladora por trás das mais expressivas revoltas e levantes de escravos que compuseram a chamada “revolução dos malês” 1835, protagonizada por escravos islâmicos, e que tem sua vida reinventada através da pena e da verve de Ana Maria Gonçalves através de uma verdadeira epopeia biográfica com mais de 950 páginas. Por se tratar de um romance histórico extenso, exporemos aqui fragmentos analisados da obra que coadunam com a proposta de pensar História e Cultura Afro-Brasileira.

Ela nasceu em Savalu, reino de Daomé, África, no ano de um mil oitocentos e dez. Quando a história do romance começa ela tem apenas seis anos de idade. Kehinde é uma *ibêji* (nascida por último) e tem uma irmã gêmea chamada Taiwo. Seu irmão se chamava Kokumo (*um abiku*), cujo nome significa “não morrerás mais, os deuses te seguirão”. O nome de sua mãe era Dúróorfike, também era um *abiku* e significava: “fica, tu será mimada”, e o nome de sua avó era Dúrójaiyé (*abiku*), ou seja, “fica para gozar a vida, nós imploramos”. Em síntese,

Abikus são espíritos amigos que antes de nascer combinam entre si que logo voltarão a morrer para se encontrarem novamente no mundo dos espíritos. Alguns *abikus* tentam nascer na mesma família para permanecerem juntos, embora não se lembrem disto quando estão aqui no *ayê*, na terra, a não ser quando sabem que são *abikus*. Eles têm nomes especiais que tentam segurá-los vivos por mais tempo, o que às vezes funciona. Mas ninguém foge ao destino, a não ser que Ele queira, porque, quando Ele quer, até água fria é remédio. (GONÇALVES, 2017, p. 19).

Sua família foi tragicamente destruída pelos guerreiros do rei Adandozan. Como sabemos, algumas regiões do continente africano é marcado historicamente por disputas tribais e é o que vemos nessa passagem da história. Os guerreiros perceberam através de alguns símbolos de Dan e os deduziram que a avó de Kehinde era feiticeira. Por esta razão matam o irmão e a mãe dela. Nesse momento, ela presencia a violência sexual ocorrida com sua mãe, uma vez que um dos guerreiros a violentou. Não satisfeitos eles também abusam dela e de sua irmã

Taiwo, como podemos vê a seguir:

Dois dos guerreiros repararam em mim e na Taiwo. O primeiro pegou uma das mãos dela e apertou em volta do membro dele, e logo foi copiado pelo amigo, que usou a minha mão. Acho que a direita, porque a Taiwo estava sentada à minha esquerda e nem por um momento nos separamos, apertando ainda com mais força as mãos livres. O guerreiro forçava a minha mão contra o membro, que, de início, estava mole, e mexia o corpo para a frente e para trás, fazendo com que ficasse duro e quente. Minha avó chorava encobrendo o rosto, não sei se para esconder as lágrimas ou se para se esconder do que via. Um guerreiro se aproximou dela e, a ponta da lança, sem se importar se estava machucando ou não, descobriu os seus olhos, mandando que ela olhasse o que estava acontecendo, dizendo que a feitiçaria dela não adiantava contra a força deles, (GONÇALVES, 2017, p. 23).

Nesse sentido, uma garota de apenas seis anos de idade presencia cenas absurdas e é violentada sexualmente, assim como sua mãe e sua irmã, além de perder parte de sua família. Vale ressaltar que tudo isso aconteceu na presença de outras pessoas que não agiram para ajudá-las. Ou seja, “todo o resto permaneceu quieto, calado, e até mesmo o bando de pássaros que costumavam passar por cima da casa àquela hora, barulhento e fugindo da noite, devia ter sido desviado do caminho...” (GONÇALVES, 2017, p. 24).

Após a tragédia ocorrida, elas viajaram para o litoral, para Uidá. Foi uma viagem longa, e muito cansativa. Paravam em cavernas para dormirem durante o percurso até chegarem ao seu destino. Por obra do destino elas encontram uma barraca e a dona pede para as que cuidem enquanto sua filha não retorna, devido já estar cansada. Quando a filha da Tililayo chega até a barraca, ela fica satisfeita com Kehinde, Taiwo e a avó, afirmando que elas podem ficar na casa dela enquanto arrumam um lugar para se alojarem. No dia seguinte a avó de Kehinde começou a trabalhar no mercado, ajudando na barraca de Titilayo, enquanto as meninas foram conhecer a cidade. Nesse novo lar, Kehinde sentia-se como se tivesse nascido novamente, em outra época em um lugar muito diferente de tudo que ela pensava existir.

Logo após conseguirem um lugar para morar. A Titilayo ficou muito feliz e

organizou uma festa para comemorar a conquista das três. Houve bastante comidas gostosas, como, por exemplo, mandioca, vinho de palma, peixe assado com farinha e bastante doces. Tudo estava perfeito, a cidade nova trazia esperança para elas. Porém, tudo muda quando são capturadas. Por esta razão, elas perdem novamente as expectativas de serem felizes, pois Kehinde se vê aflita e desesperada em um navio onde só há morte, miséria e dor. Desespero maior quando ela sente que está ficando separada de sua irmã. Logo depois a Taiwo ficou doente com muita febre assim, como sua avó. Mais uma vez a morte se aproxima de sua família e ela presencia o triste fim de sua irmã, veja:

Senti que a Taiwo já não estava mais dentro de mim, como se ela tivesse fechado os olhos naquelas horas em que, olhando por sobre os ombros da nossa mãe, que dançava, eu conseguia ver dentro dos olhos dela. Eu tentava sair de mim e não encontrava mais para onde ir, tentava encontrar a Taiwo e não conseguia. A Taiwo já estava fora do meu alcance, estava morrendo, (GONÇALVES, 2017, p. 56).

Ela não só perdeu sua irmã como também sua avó durante esse tráfico negreiro. Antes de perdê-la, sua avó falou a respeito dos voduns, a importância de cultuar e respeitar seus antepassados, além dela nunca se esquecer da África, de Xangô, de Nanã e dos Ibêjis, de Oxum, do poder dos pássaros e das plantas, da obediência e respeito aos mais velhos, dos cultos e agradecimentos.

Poucos dias de sua avó morrer, e, ser jogada ao mar avisaram-lhe que já estavam chegando ao Brasil. Tudo isso se passa no primeiro capítulo do livro. Uma história que acabou em tragédia e só restou nossa protagonista Kehinde a qual nos relata essa triste história até a chegada em terras brasileiras. E, o que fora vivenciado por esses personagens foi a triste realidade de milhões de africanos que expropriados de suas terras, muitos mortos durante a viagem e escravizados em nosso país.

### **Visão geral da protagonista Kehinde escravizada no Brasil**

Ao desembarcar do navio negreiro ela se depara com várias pessoas falando

a língua do Brasil que para ela era mais música do que qualquer outro idioma. “Alguns brancos acompanhavam um ou outro desembarque, mas a grande maioria era de pretos como nós, com tons de pele e aparência tão diferentes uns dos outros que eu imaginava vê uma África inteira em um só lugar” (GONÇALVES, 2017, p. 65) Kehinde em sua ingenuidade não sabia o que iria acontecer com ela, não tinha noção do que lhe esperava. Ela sempre impressionada com as vestes das mulheres, roupas tão bonitas que os seus olhos não tinham visto ainda. Ela descreve as mulheres com uma sutileza prestando atenção em cada detalhe. Vejam:

...pois se vestiam de um modo tão lindo, tão diferente, que eu nunca teria sido capaz de imaginar. Os cabelos estavam cobertos por turbantes grandes, feitos com tecidos brancos rendados, lisos ou enfeitados com búzios, conchas e contas de todos os tamanhos e todas as cores. Usavam blusas costuradas sobre os ombros e nas laterais, com o comprimento até a metade das pernas, que ficavam escondidas dentro de saias muito rodadas. Geralmente, tanto a blusa como a saia eram brancas, embora algumas também se vestissem de amarelo, de verde, de azul e de rosa, (GONÇALVES, 2017, p. 66).

Ao descrever os mínimos detalhes das vestes das mulheres percebe-se o bom gosto pelas novidades, de se encantar e se ver vestida como elas. Porém, muitas tragédias e conquistas aconteceram para que Kehinde tivesse o prazer de vestir-se como merecia. Ao ser vendida ao senhor José Carlos, passa a ser chamada de Luísa. E, vai tendo que abandonar os costumes e as crenças da África. Em sua nova casa ela novamente se depara com mulheres elegantes e promete a si mesmo que um dia irá usar as mesmas roupas destas que a fascinam. Depois de passar por tanto sofrimento, finalmente ela tem um lar e comida. Todavia, muitas coisas negativas a esperam.

Seu primeiro contato com uma boneca de porcelana e a dona desta, ou seja, a sinhazinha Maria Clara, Luísa fica com medo e certo estranhamento ao perceber que os olhos de ambas se assemelham ao azul do mar. Ela nunca tinha visto tal cor nos olhos de alguém antes. E a escrava Esméria, portanto, alerta que ela apenas servirá como um brinquedo para a sinhazinha e que não criasse tanta expectativa.

Pois é isto que acontecia com uma criança negra na casa dos senhores na época. Era considerado um simples objeto, brinquedo, um passatempo para diversão das crianças brancas.

Inúmeras atividades ocorreram durante o tempo que Luísa passou na casa do senhor José Carlos e a sinhá Ana Felipa: Lá ela teve seu primeiro contato com as letras e os números. Aproveitou as aulas particulares da sinhazinha Ana Clara para aprender. “As aulas eram dadas na biblioteca... fiquei feliz por poder assistir às aulas na qualidade de acompanhante da sinhazinha, e tratei de aproveitar muito bem a oportunidade” (GONÇALVES, 2017, p. 92). Luísa era diferente das demais escravas. Ela era determinada, não se conformava com o destino que lhe tinham traçado. Assim, aprendeu a escrever com os dedos e usando o chão como caderno. Para ela não havia obstáculos, outrossim, persistência para conseguir seus objetivos.

Houve um momento que Luísa desejou ter uma boneca para sua diversão e foi quando teve a ideia de fazer uma de pano, igual sua avó fazia. Ao ser descoberta, a sinhá Ana Felipa aborreceu-se e a chamou de bruxa, afirmando que ela estava fazendo feitiçaria e ordenou para ser retirada de sua casa. Dessa forma,

continuou dizendo que sabia muito bem o que eu estava fazendo, que já tinha ouvido falar daquilo, que aquela boneca era dela, a sinhá Ana Felipa, e que eu só ia esperar ela pegar filhos de novo para enfeitiçar a boneca e arrancar coisas de dentro dela, como se estivesse enfiando a minha mão dentro do ventre da própria sinhá e puxando o filho para fora, (GONÇALVES, 2017, p. 104).

A sinhá Ana Felipa não conseguia ter filhos. Por esta razão, começou a culpar Luísa por sua infertilidade. Desde quando ela perdeu seu filho nunca mais foi a mesma. Vivia andando pela casa entristecida com um terço na mão e castigando a todos sem motivos. Castigou terrivelmente, uma escrava que estava grávida de seu marido. Pediu que os homens a segurassem e agarrada aos cabelos de Verenciana enfiou a faca perto de um dos olhos e...

enquanto o sangue espirrava longe, a sinhá dizia que olhos daquela cor, esverdeados, não combinavam com preto, e fazia a faca rasgar a carne até contornar por completo o olho, quando então enfiou os dedos por dentro do corte, agarrou a bola que formava o olho e puxou, deixando um buraco no lugar, (GONÇALVES, 2017, p. 106).

Concluindo sua terrível missão, Ana Felipa ordenou que nada do que tinha acontecido deveria chegar aos ouvidos do senhor José Carlos. E como se nada tivesse ocorrido foi para seus aposentos. Com estes aspectos percebe-se a frieza e a maldade de uma mulher quando ela não alcança “seus objetivos”. Nesse sentido, frustrada por não ser mãe, e, não ser a mulher que o senhor patriarcal tanto desejava, chega ao ponto de cometer terrível loucura. Durante essa época a mulher que não tivesse filhos era desvalorizada. O papel da mulher branca era apenas para ser mãe e de preferência mãe de menino. Sendo submissa ao marido em todos os aspectos.

Aos dez anos de idade Luísa é transferida para a senzala grande. Lá ela vivenciou todos os perigos, castigos, resistências, tentativas de fugas, etc. Com um tempo retorna para a casa de seus senhores. Ana Felipa dá uma trégua, esquece a conversa da feitiçaria. Porém, agora maior já com o corpo se formando, Luísa começou a ser o alvo do senhor José Carlos. Ele “às vezes esbarrava em mim pela casa, embora eu evitasse tais situações, procurando estar ocupada ou a serviço da sinhá Ana Felipa, que percebeu o que estava acontecendo” (GONÇALVES, 2017, p. 153). Luísa já enamorada com Lourenço, pois ele também sabia ler e era ótimo em contar histórias coisas que ela gostava muito. Junto com ele começou a traçar planos para uma possível fuga e fugirem para um quilombo. Mas “ao contrário do Lourenço, que sempre falava em ir para a África mesmo sem nunca ter estado lá, eu não sabia se queria voltar” (GONÇALVES, 2017, p. 159). Ela estava com dúvida se era isso mesmo que queria. Quando o senhor José Carlos percebeu que eles estavam fazendo planos para casarem-se, isto o deixa furioso, pois já a desejava, ou seja, Luísa era objeto dele.

Não passa muito tempo para o pior chegar até Luísa. Pois seu dono ao se



aproximar “perguntou se havia pouco tempo que ela tinha tomado banho e se nunca mesmo tinha me deitado com homem” (GONÇALVES, 2017, p. 168). Ela tão nervosa respondeu as duas perguntas de uma vez só. Quando o senhor José Carlos tentava possuir Luíza, o Lourenço apareceu. As coisas daí por diante só pioraram. Luísa e Lourenço fugiram do senhor, e foram perseguidos por seus capangas. A fuga não durou muito, pois logo em seguida os capturaram, assim, passando por momentos terríveis. Luísa é violentada sexualmente pelo senhor José Carlos que logo adiante fez o mesmo com ele “passou cuspe no membro e possuiu o Lourenço também” (GONÇALVES, 2017, p. 172). Além de violentá-lo,

o sinhô José Carlos então se vestiu e gritou para o Cipriano, perguntando se o castrador de porcos já tinha chegado. O Cipriano respondeu que sim, que já estava tudo preparado. Um velho que eu nunca tinha visto na ilha, que talvez fosse da capital, entrou carregando uma faca com a lâmina muito vermelha, como se tivesse acabado de ser forjada, virou o Lourenço de frente, pediu que os dois homens do Cipriano o segurasse e o cortou fora o membro dele, (GONÇALVES, 2017, p. 172).

Essa questão nos traz uma boa reflexão. Como essa mulher é forte, pois passar por tudo que já passou e conseguir vencer. É uma guerreira. Há passagens na obra que ela diz que ao ver tudo isso acontecer pensava não passar de um sonho. Ou seja, era tanto sofrimento que não parecia real. Todavia, o senhor José Carlos foi picado por uma cobra em suas partes íntimas, cobra esta nunca vista por ninguém, um mistério. Após o incidente ficou com uma doença terrível e incurável, e chegou ao ponto de gastar tudo que possuía, com médicos e remédios, porém nada adiantou. Devido o odor não foi possível abrir o caixão e ninguém chegou perto. “O defunto foi preparado por especialistas, pessoas que sabiam como fazer, pois se fizessem algo errado, corriam o risco de morrer logo em seguida” (GONÇALVES, 2017 p. 180).

### **Luísa, mãe de Banjokô**

De todas as coisas boas que lhe aconteceram, mesmo sendo fruto de estupro, seu filho nasceu com saúde e trazendo alegria para seus dias. Mas como

em sua vida nada foi tão simples. Luísa teve que lutar para ter o direito de ser mãe de Banjokô. A sinhá Ana Felipa tomou conta da criança assim que nasceu. Não permitindo que a mãe se aproximasse do bebê. Das poucas vezes que ela chegava perto da criança era motivo de grande confusão entre ambas.

Luísa novamente foi expulsa, “a sinhá Ana Felipa me esperava na sala, com o Banjokô no colo, e informou que eu tinha sido alugada, que podia me despedir do meu filho, pois ele estava muito bem com ela” (GONÇALVES, 2017, p. 212). Então ela foi alugada para os ingleses e foi morar na casa da família Clegg. Sorte dela que a casa onde foi morar não ficava tão distante da casa da sinhá, assim, podendo ver o seu filho às escondidas quando podia. O bom de morar nessa nova família era ser tratada como gente, pois seu novo dono não a escravizava: “outra coisa de que gostei bastante naquela casa foi o jeito como éramos tratados, sem qualquer intimidade ou demonstração de sentimento, mas com muito respeito” (GONÇALVES, 2017, p. 219).

Kehinde ficou na casa dos ingleses por um bom tempo. E sua tarefa era apenas observar as filhas do seu patrão. Porém, anos depois ela teve que retornar para a casa da sinhá Ana Felipa. Muitas coisas tinham acontecido na sua ausência. “Eu estranhei bastante ter que voltar a dormir no porão úmido e mal cheiroso depois de ter me acostumado às baias individuais e frescas no solar dos Clegg, sempre cheirando a mar e limpeza” (GONÇALVES, 2017, p. 230).

Durante sua permanência novamente na casa da sinhá Ana Felipa, Kehinde conheceu Francisco. O homem o qual a fez “esquecer os traumas”, os quais o senhor José Carlos a tinha feito vivenciar. Eles ficaram enamorados, Francisco gostava muito do Banjokô, por esta razão, ela o aproximava cada vez mais de seu filho. Vale ressaltar que Ana Felipa também se interessava por Francisco e isso foi motivo de disputa e mais confusão entre a escrava e a sinhá.

## **Banjokô: um defeito de cor**

Em síntese, Banjokô é o filho de Kehinde com o senhor José Carlos, fruto do estupro. Ele foi criado com a sinhá Ana Felipa, não por permissão da mãe, mas sendo ela dona, assim era quem mandava. Ele “vivia muito bem na casa da sinhá, tinha boas roupas, um bom quarto, brinquedos, comida à vontade, horários certos para dormir, estava aprendendo a tocar piano e a sinhá tinha grandes planos..., p. 337”. Um desses planos era colocá-lo para estudar, principalmente, porque “com a influência do padre Notório, ela logo conseguia para ele uma dispensa do defeito de cor, que não permitia que os pretos, pardos e mulatos exercessem qualquer cargo público importante na região, no governo ou na política, p. 337”. Isto é, sua cor negra era vista como um defeito, por esta razão, o livrava de ser escravizado, caso conseguisse essa dispensa.

Justifica-se o título da obra *Um defeito de cor* pelo simples fato da existência de um decreto instituído na época do colonialismo. Este impedia aos negros, mestiços e crioulos de assumirem qualquer profissão ou cargos públicos reservados aos brancos. Todavia, os planos de Kehinde para com o Banjokô foram interrompidos, pois como sendo ele *um abiku*, depois dos sete anos de idade retorna para o mundo espiritual.

## **Kehinde de escrava à empresária**

É através de uma rotina desgastante, na qual Kehinde se encontrava que as ideias foram lhe surgindo. Ela queria ter o direito de ter seu filho, e não aguentava mais aquela convivência, que ela considerava infernal, com a sinhá Ana Felipa. Dessa forma, teve a ideia de fazer *cookies* e vendê-los na rua. Para isto, pode contar com a ajuda do padre Heinz, o qual se tornou seu amigo. “Na segunda-feira, por volta das seis horas da manhã, resolvi deixar a vergonha de lado e disputar fregueses no grito, como faziam os vendedores que não tinham ponto fixo, (p. 248)”. Seus *cookies* eram os mais saborosos e faziam sucesso. Como podemos perceber a Kehinde não é mulher de se conformar com o pouco. Ela novamente tem uma

ideia genial e resolve levar seus produtos para os grandes comerciantes. Mas para isto não podia afirmar ser dona dos *cookies*, portanto, diz que foi a sinhá sua dona que mandou apresentar os *cookies* para os comerciantes. O plano foi um sucesso.

Outros aspectos importantes nessa história foram seus amigos. Que ajudaram na sua nova mudança. Ela passou a morar na loja, ou seja, uma pensão. E em sua vida foram surgindo novas oportunidades e um novo amor. Dessa vez um branco, o Alberto. “Quando parei na porta do senhor Rui Pereira para esperar o carregador que vinha logo atrás com a encomenda, ele me cumprimentou novamente, tirando o chapéu e inclinando a cabeça antes de me dirigir um sorriso, que retribuí” (GONÇALVES, 2017, p. 321). Era algo quase impossível, pois as mulheres negras serviam para os homens brancos apenas como um simples objeto de prazer. Mas nesse caso Kehinde era especial. Não era uma simples escrava. Era uma comerciante prestes a virá uma empresária de sucesso.

Tempos depois de ter conhecido o Alberto e de várias mudanças em sua vida. Ela se junta com ele e vão morar em um sítio. Durante este período ela já tem fugido com seu filho da sinhá e conseguido a carta de alforria dela e da criança. Durante sua jornada no sítio ao lado de Alberto, ela tem momentos muito agradáveis, principalmente quando recebe a visita da sinhazinha. Ela como sendo a tia do Banjakô e sendo uma pessoa maravilhosa que não compartilhou das maldades de seu pai e sua madrasta, se torna amiga de Kehinde. E começa a frequentar e até passar bons tempos no sítio. Com relação aos negócios, ela soube lidar com a situação. Abriu uma padaria cujo nome era Saudades de Lisboa, juntamente com o Fatumbi, seu amigo e agora sócio.

O que incomodava Kehinde em seu relacionamento com Alberto é que ele não a reconhecia perante a sociedade. Devido ele ser branco e ela negra. Além de “Alberto não se dava muito bem com Banjokô, por ciúmes ou falta de jeito com crianças, não sei. Só sei que nunca tinha visto os dois conversando e muito menos brincando, como acontecia com o Francisco” (GONÇALVES, 2017, p. 377). Após descobrir que estava grávida do Alberto, a vida deles melhorou, pois ele ficou mais

feliz e atencioso. Porém, com o passar do tempo, muitas coisas se ocorreram.

Vale ressaltar que a narrativa tem como objetivo apresentar aos leitores uma carta-testamento para seu filho desaparecido (filho dela com o Alberto). Percebemos isso aproximadamente na metade do romance. É a partir desse momento que a narradora invoca o filho perdido, tornando-o seu interlocutor direto, tratando-o em segunda pessoa, ora por “tu”, ora por “você”: Antes de começar a cerimônia, o “Baba Ogumfeditimi tinha dito que você é de Xangô, o orixá da justiça, e eu comentei que seu pai queria fazer de você um doutor em leis [...]”. (GONÇALVES, 2017, p.404). A procura do seu filho é constante, ele foi roubado e vendido pelo próprio pai como um escravo quando a situação do menino já era de alforriado. Ela procura no Rio de Janeiro, Santos, São Paulo e Campinas. Porém, não o encontra. Após várias tentativas sem sucesso, ela acredita na possibilidade do filho ter embarcado para a África. Por esta razão, retorna à África, e lá conhece John, com quem tem um casal de gêmeos, João e Maria Clara.

A união de Kehinde e John, um mulato escuro, vai além de uma relação amorosa. Assim como ela, ele participava de grupos voltados para o comércio e agricultura, duas atividades nobres na África. Por isso, a união de Kehinde/Luísa e John serve para ilustrar a representação das duas classes que constituíam a burguesia africana do século XIX. Depois da morte de John, ela se muda para Lagos e se torna uma rica empresária do ramo da construção civil. Assume sua viuvez e vê crescer com o passar dos anos a sua descendência, com o surgimento de netos e bisnetos.

Por fim, já bem idosa, ela narra a tentativa de retorno ao Brasil, com esperanças de reencontrar o filho perdido. E escreve sua história na expectativa de que o filho possa encontrar os escritos e na esperança de que sua memória permaneça viva. Por fim, Kehinde sempre lutou pelos seus objetivos, poderia assim, como outros escravos da época ter se conformado com o “destino”, porém, ela afirma que “sempre fui assim (...) poder começar de novo em um outro lugar, com outras pessoas, com novos planos é algo que não recuso nunca”. (GONÇALVES,

2017, 718). O racismo sempre fez parte de sua vida. A escrava Esméria fazia questão de relembra-la que ela era uma escrava de pele escura. Certo dia ela pegou o espelho e pediu para Kehinde fechar os olhos e imaginar como era. Então “disse para eu fechar os olhos e imaginar como eu era, com o que me parecia, e depois podia abrir os olhos e o espelho me diria se o que eu tinha imaginado era verdade ou mentira”, 2017, 85. Ela simplesmente afirma “eu sabia que tinha a pele escura e o cabelo duro e escuro, mas me imaginava parecida como a sinhazinha”. Houve momento que ela chegou a se achar feia “(...) durante alguns dias me achei feia, como a sinhá sempre dizia que todos os pretos eram e evitei a chegar perto da sinhazinha” (GONÇALVES, 2017, p. 85).

Porém, ela não deixou o racismo tomar conta da sua existência. Sofreu, mas lutou e foi resistente, tornando-se uma mulher guerreira e tendo orgulho da sua cor, religião e tradições. Todos os negros que eram trazidos ao Brasil eram obrigados a se batizarem, mas ela “não quis ser batizada”, 2017, p. 720. Assim, tendo orgulho da sua religião, mesmo fazendo os rituais escondidos. E por fim, sempre agradecida com suas conquistas “quanto a mim, já me sinto feliz por ter conseguido chegar até onde queria”. (GONÇALVES, 2017, p. 947). Portanto a obra não só aborda a problemática da discriminação racial em nosso país como, também, a solidariedade entre mulheres, através das quais vemos traçados à trajetória de uma mulher inserida em uma sociedade cujos valores não representam a sua identidade. Essa obra deixa representada a importância da mulher negra na formação da família, seus problemas, sua cultura, sem se deixar abater diante das dificuldades enfrentadas, sugerindo que a mulher negra é capaz de ultrapassar as indiferenças que eram barreiras para a sua afirmação na sociedade.

## **Considerações finais:**

Ao analisar a obra “Um defeito de cor”, podemos evidenciar problemáticas sensíveis que nos possibilitam pontuar caminhos metodológicos possíveis, a fim de discutirmos a diversidade cultural que permeia a Literatura Afro-Brasileira. Vale ressaltar, a importância do docente de se inserir na ampliação das discussões da Lei nº 10.639/03-MEC com o intuito de planejar, executar e aplicar em sala de aula, estratégias pedagógicas que objetivem desconstruir os modelos propostos por uma sociedade racista, colonialista e imperialista no passado (com resquícios na nossa contemporaneidade) e construir exemplos positivos do homem, da sociedade e do mundo para o presente. Para isto, destacaremos essas indagações para futuros artigos e projetos acadêmicos: Quais as transformações percebidas no Ensino e na abordagem da Literatura Afro-Brasileira após a publicação da Lei 10.639/2003? Como se deu o diálogo interdisciplinar entre História e Literatura a partir do advento deste paradigma legislativo? Quais as transformações evidenciadas nos currículos e nas práticas docentes para o ensino superior de Literatura após a publicação da Lei 10.639/ 2003? Quais estratégias pedagógicas o professor pode utilizar para, em conformidade com a Lei 10.639/2003, realizar atividades de leitura a partir de um romance histórico, a exemplo de “Um defeito de cor”, de Ana Maria Gonçalves (2006)?

Acreditamos que são questões pertinentes para repensarmos a importância da representatividade da mulher negra, visto que as recordações de Kehinde são, portanto, a simbologia da resistência e da persistência, ou seja, a busca de ter sua identidade. A narrativa também representa a tradição dos africanos que consiste no relato permanente do passado e da ancestralidade para que a memória do povo não morra. Por isso, a importância desta literatura, não apenas no que se refere à matriz afro-brasileira, mas na nossa formação social como um todo e garantia de nossos direitos. Acreditamos que a educação seja um meio de combater qualquer forma de preconceito. Assim, a Literatura Afro-Brasileira seja em sala de aula ou em outro espaço, é uma das melhores opções para combater o racismo.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. LEI Nº 10.639 DE 9 DE JANEIRO DE 2003. |P| Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" e dá providências. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm)> Acesso em: 02/07/ 2018.

CADERNOS NEGROS: **poemas afro-brasileiros**. São Paulo: Quilombhoje, 2004,n. 25 e 27.

CANDIDO, Antônio: **Formação da Literatura Brasileira**. Ed. Itatiaia, 8ª ed. Belo Horizonte, RJ. 1997.

CORTES, Cristiane F. R. de Araújo. **Um defeito de cor: o entre e o duplo da diáspora**. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafr/autoras/29-critica-de-autores-feminios/440-um-defeito-de-cor-o-entre-e-o-duplo-da-diaspora>>, acesso 28/11/2018

CHIAPPINI, Ligia& AGUIAR, Flávio Wolf e (Orgs) **Literatura e historia na América Latina**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura e afro-descendência**. In Literatura, política, identidades. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2005.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Por um conceito de literatura afro-brasileira**. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafr/artigos/artigos-teorico-conceituais/148-eduardo-de-assis-duarte-por-um-conceito-de-literatura-afro-brasileira>> acesso: 28/11/2018

FREYRE, Gilberto. Casa-Grande & Senzala, 50ª edição. Global Editora. 2005.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

LUKÁCS, Gyorgy. **O romance histórico**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MACHADO, Irene A. **“A teoria do romance e a análise estético-cultural de M. Bakhtin”**. In: Revista USP, São Paulo, 1990. Disponível em: <[www.usp.br/revistausp/05/19-irene.pdf](http://www.usp.br/revistausp/05/19-irene.pdf)>, Acesso em 22/09/18.

MORETTI, FRANCO, 1: **A cultura do romance** / Ed. Cosac Naify, 2009.

PESSANHA, Márcia Maria de Jesus (org). **Cadernos Penesb**. Niterói/RJ: EdUFF.

WEINHARDT, Marilene. **Considerações sobre o romance histórico**. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/40765790-Quando-os-historiadores-na-tentativa-de-dar-conta-dos-processos-consideracoes-sobre-o-romance-historico-marilene-weinhardt.html>>, acesso 28/09/2018.